

Etimologia de Bildung:

Bildung traz uma longa história atrás de si, desde a sua identificação com o sentido primeiro de *Bild* (“imagem”, *imago*, desdobrando-se também na ideia de reprodução por semelhança: *Nachbildung*, *imitatio* – nessa acepção original, o arquétipo de *Bild* e da forma verbal *bilden* estaria relacionado com o próprio Criador, que “*formou* o homem à sua imagem [*Bild*] e semelhança”) até o sentido que o termo adquire na era de Goethe, ao emancipar-se da esfera religiosa e afirmar a sua independência também em relação à educação institucional.

*

O conceito de *Bildung* (Formação) foi introduzido na língua alemã pelo filósofo e teólogo Meister Eckhart (1260 – 1328). Para Eckhart a aquisição de *Bildung* significava o aprendizado de “serenidade” (*Gelassenheit*), caminho pelo qual o ser humano se aproxima de Deus.

*

Em 12 de dezembro de 1819, Karl Morgenstern (1770 – 1852) profere a conferência “Sobre a essência do romance de formação”, e em suas primeiras palavras já se mostra consciente de estar empregando o termo de maneira inédita: “Por hoje [...] quero falar da mais primorosa entre todas as formas romanescas, a qual me permito chamar, com uma palavra até agora tanto quanto sei ainda inusitada, de *romance de formação*”.

Nota ao texto da conferência “Sobre o espírito e a relação de uma série de romances filosóficos”, de Karl Morgenstern:

“Já no ano de 1803, o autor deste fragmento esboçava o plano para um escrito intitulado *Sobre romances de formação*, o qual, uma vez desenvolvido em sua ideia, teria se tornado algo equivalente ao livro de Blanckenburg *Versuche über den Roman* [*Tentativas sobre o romance*, 1774], que lhe era conhecido então apenas pelo título”.

*

Wilhelm Dilthey (1833-1911), em sua obra *Schleiermachers Leben* [*Vida de Schleiermacher*] publicada em 1870, escrevia as seguintes palavras: “Gostaria de chamar romances de formação àqueles romances que constituem a escola de Wilhelm Meister (pois a semelhante forma artística criada por Rousseau não teve influência sobre eles). A obra de Goethe mostra aperfeiçoamento [*Ausbildung*] humano em diversas etapas, configurações e fases de vida”.

Três décadas depois, no capítulo que dedica ao romance epistolar *Hipérion* de Friedrich Hölderlin, em seu livro *Das Erlebnis und die Dichtung* [*A vivência e a Poesia*], Dilthey empreende um avanço na apreensão teórica do conceito:

“Desde o ‘Wilhelm Meister’ [...] todos esses romances representam o jovem daqueles tempos; como ele ingressa na vida num alvorecer feliz [Riobaldo no período em que ouve a Canção de Siruiz], procura por almas afins, encontra a amizade e o amor, mas também

entra em conflito com a dura realidade da vida e assim, sob as mais variadas experiências, vai amadurecendo, encontra-se a si mesmo e conscientiza-se da sua tarefa no mundo”.

*

Pouco depois da publicação do romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, nos anos de 1795 e 96, Friedrich Schlegel, numa longa e entusiasmada resenha que marcou época na história da crítica alemã, falava da impossibilidade de se julgar o livro segundo um critério tradicional de gênero: seria “como se uma criança quisesse apanhar a lua e os astros com a mão e guardá-los em sua caixinha”.

E desse mesmo autor, precisamente no “Fragmento 216”, publicado em 1798 na revista *Athenäum* (principal porta-voz do romantismo de Jena), provém a famosa menção do *Meister*, ao lado da Revolução Francesa e da *Doutrina das Ciências* (*Wissenschaftslehre*) de Fichte, como uma das três grandes tendências da era moderna:

Friedrich Schlegel: “As três grandes tendências de nossa era são a Doutrina das Ciências [de Fichte], Wilhelm Meister e a Revolução Francesa”.